

EUA atacam alvos ligados a Teerã na Síria e no Iraque

Bombardeiros foram o início da represália pela morte de três soldados americanos em uma base na Jordânia no domingo

Os Estados Unidos realizaram uma série de bombardeios, ontem, contra alvos da Guarda Revolucionária iraniana e milícias associadas no Iraque e na Síria, informou o Departamento de Defesa dos EUA. Segundo as autoridades, os ataques são o início de uma represália pela morte de três soldados americanos em uma base na Jordânia no domingo. Ao menos 18 combatentes apoiados pelo Irã morreram, segundo o Observatório Sírio de Direitos Humanos (OSDH), uma ONG com sede no Reino Unido.

A ofensiva, que ocorreu pouco depois de os presidentes EUA, Joe Biden, participar da cerimônia solene de repatriação dos corpos dos militares americanos mortos na Jordânia, marca uma forte escalada da guerra no Oriente Médio que Washington, há quatro meses, tem procurado evitar.

Biden havia prometido uma resposta para o ataque de drone no domingo, que, além das mortes causadas, também feriu pelo menos mais 40 militares. Segundo ele, ação de ontem pro-

curou enviar uma mensagem ao Irã e às milícias apoiadas pelo país persa de que os ataques contínuos às tropas dos EUA na região e aos navios internacionais no Mar Vermelho terão uma resposta.

"Nossa resposta começou hoje. Ela continuará nos próximos dias e locais de nossa escolha", disse Biden, em nota. "Os Estados Unidos não buscam conflitos no Oriente Médio ou em qualquer outro lugar do mundo. Mas que todos aqueles que possam tentar nos prejudicar saibam disso: se você ferir um americano, nós responderemos."

OPERAÇÃO FOI UM 'SUCESSO'
O secretário de Defesa dos EUA, Lloyd Austin, também afirmou que os ataques são apenas "o início de nossa resposta". "O presidente determinou ações adicionais para responsabilizar o IRGC [Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica] e as milícias afiliadas por seus ataques às forças dos EUA e da Coalizão", disse Austin em um comunicado. "Esses ataques ocorrerão em horários e locais de nossa escolha."



Escalada na tensão. Mulher passa por um mural contra os EUA do lado de fora do prédio que antes abrigava a embaixada americana em Teerã, a capital do Irã

Não buscamos conflitos no Oriente Médio ou em qualquer outro lugar, mas o presidente e eu não toleraremos ataques às forças americanas. Tomaremos todas as medidas necessárias para defender os Estados Unidos, nossas forças e nossos interesses."

Os ataques foram todos com um "sucesso" por um porta-voz da Casa Branca. Ele informou que os aviões americanos envolvidos na operação, que visou um total de 85 alvos em sete locais, três no Iraque e quatro na Síria, dispararam "mais de 125 munições de precisão em aproximadamente 30 minutos". De acordo com o Centro de Comando dos Estados Unidos (Centcom), os alvos incluíam centros de comando e inteligência, bem como instalações de armazenamento de foguetes, mísseis e drones pertencentes

às milícias e forças iranianas "que facilitaram ataques contra as forças dos EUA e da coalizão". As aeronaves já deixaram as áreas, segundo o governo e o Exército americanos.

Um funcionário do Ministério do Interior do Irã disse à AFP que "um quartel-general das facções armadas na região de al-Qaim foi alvo" e que "segundo informações preliminares tratadas de um depósito de armas leves". Um encarregado do movimento de ex-paramilitares Hashd al-Shaabi confirmou este ataque e outro bombardeio contra uma posição mais ao sul.

Biden e seus principais assessores têm sido relutantes em tomar medidas que possam levar os EUA a uma guerra mais ampla em uma região já extremamente instável. Em particular, o governo não quer que a guerra

por procuração em andamento com o Irã se torne um conflito mais significativo.

SEM ATAQUE AO IRÃ

Mas com os últimos ataques, essa possibilidade está cada vez mais próxima. Autoridades do governo disseram que Biden não teve muita escolha a não ser revidar depois das mortes dos três soldados americanos na Jordânia, especialmente porque elas ocorreram em meio a uma onda de ataques de grupos apoiados pelo Irã, como os houthis no Iêmen e o Kata'ib Hezbollah no Iraque.

Apesar dos ataques de ontem contra alvos ligados a Teerã na Síria e no Iraque, a Casa Branca insistiu que não pretende entrar em guerra com o Irã, que também, segundo analistas, não tem interesse em expandir o conflito na região.

— Não estamos buscando

uma guerra com o Irã — disse o porta-voz do Conselho de Segurança Nacional, John Kirby, a jornalistas.

Um alto funcionário do governo disse à CNN que os EUA não atacarão dentro do Irã, concentrando-se apenas em alvos fora do país. Ainda segundo a mesma fonte, as autoridades americanas já sabiam há alguns dias que os primeiros ataques aconteceriam na noite de ontem, mas que a retaliação não foi coordenada com a cerimônia solene de repatriação dos corpos dos soldados mortos na Jordânia.

Os restos mortais dos militares americanos William Jerome Rivers, Kennedy Landon Sanders e Breonna Alexandria Moffett foram recebidos pelo presidente Biden e pela primeira-dama, Jill, na Base Aérea de Dover, em Delaware, durante a tarde. (Com The New York Times e AFP)

Rafah: um banheiro para 500, um chuveiro para 2 mil

Superlotada com refugiados, cidade no sul de Gaza é possível próximo alvo de operações terrestres de Israel, sugere ministro

Antes da guerra entre Israel e o grupo terrorista Hamas, Rafah, uma pequena cidade de apenas 65km² e empobrecida até mesmo para os padrões da Faixa de Gaza, abrigava 250 mil pessoas. Na semana passada, o escritório de direitos humanos da ONU (OHCHR, na sigla em inglês) no enclave informou que 1,3 milhão de pessoas — mais da metade da população de 2,3 milhões do enclave — deslocaram-se para a cidade na fronteira com o Egito, para onde Israel sinaliza que estenderá sua operação terrestre.

Gaza é um dos locais mais densamente povoados do planeta. Desde 7 de outubro de 2023, quando terroristas da Hamas invadiram o sul de Israel, deixando 1,2 mil mortos e fazendo outras 240 pessoas de reféns, os bombardeios e a campanha terrestre de Israel — que deixaram mais de 27 mil mortos, segundo o Ministério de Saúde local — feriram os palestinos a se deslocar para o sul de Gaza.

Segundo a ONU, 1,7 milhão de pessoas deixaram suas casas, muitas delas apenas com a roupa do corpo, levando a uma grave superlotação em locais como Khan Younis, cenário atual de intensos conflitos, e Rafah, que fica a menos de 10

km de distância. Sem deixar claro como Israel agiria para garantir a segurança dos civis na cidade, o ministro da Defesa, Yoav Gallant, sugeriu haver planos de avançar sobre a área. — Estamos completando nossas missões em Khan Younis e também vamos alcançar Rafah e eliminar elementos terroristas que nos ameaçam — disse Gallant enquanto visitava soldados em Khan Younis, segundo gravação distribuída por seu gabinete. — Essa guerra requer resiliência e determinação nacionais, e precisamos perseverar até completar nossas missões.

CESSAR-FOGO EM NEGOCIAÇÃO
Não ficou claro se os comentários de Gallant refletiam um objetivo militar imediato ou tinham a intenção de mostrar determinação ao público israelense e ao Hamas enquanto se aguarda uma resposta final para um esboço de proposta de cessar-fogo e a libertação de mais reféns — numa pausa temporária em novembro, mais de 100 foram soltos. De qualquer forma, levantou preocupações sobre o impacto de uma ação terrestre na cidade, já sob bombardeio.

Além de Rafah sofrer com uma severa falta de alimentos, água e remédios, a crescente aglomeração de pessoas agravou surtos de doenças como a



Desespero. Palestinos se aglomeram para receber rações de comida em um campo de deslocados internos em Rafah

sarna e a disseminação de piolhos, já que muitos não conseguem manter padrões básicos de higiene — milhares de pessoas têm de partilhar poucos chuveiros e banheiros.

— Nossos números mais recentes mostram que há um chuveiro para cada 2 mil pessoas e um banheiro para cada 500 — disse Tamara Alrifai, chefe de comunicações da agência da ONU para refugiados palestinos (UNRWA, na sigla em inglês).

Além de administrar clínicas escolares que prestam assistência aos palestinos no enclave, a UNRWA também fornece

alimentos, saneamento e serviços de dessalinização. Mas, desde a semana passada, a agência enfrenta cortes de financiamento depois de Israel acusar 12 de seus funcionários de participar do ataque de 7 de outubro, o pior em território israelense desde a formação do Estado judeu, em 1948.

INVESTIGAÇÃO DA ONU

A ONU lançou uma investigação sobre as acusações, o chefe da agência, Philippe Lazarrini, descreveu os cortes de financiamento como "chocantes", com risco de impactar ainda mais a assistência em

uma área já sob pressão.

Jens Laerke, porta-voz do Escritório da ONU para a Coordenação de Assuntos Humanitários, disse que a agência estava muito preocupada com a escalada de combates em Khan Younis e o crescente deslocamento de moradores de Gaza fugindo para Rafah.

— Rafah é uma panela de pressão de desespero, e tememos pelo que vem a seguir — disse Laerke a jornalistas em Genebra, ontem. — Toda semana, pensamos que não pode piorar. Bem, vai entender, [mas] fica pior. Haneen Harara, funcio-

nária de uma instituição de caridade holandesa, fugiu para Rafah em semanas recentes. Quando chegou, 15 de seus parentes estavam em um único quarto.

— Mais, país, seus filhos, e um único banheiro. Sob as atuais circunstâncias, ter um quarto era achar que as coisas iam bem — disse ao jornal britânico Guardian. — Depois de cinco dias, tivemos de deixar o local por nos sentirmos em risco por fortes bombardeios. Meu pai começou a buscar um novo abrigo, [mas] nenhum lugar é seguro em Gaza.

SURTO DE HEPATITE A

Por fim, conseguiram chegar à casa de amigos, que lhes ofereceram um lugar para ficar. Harara ficou aliviada, embora a situação na cidade continue piorando. Além de filas de horas para obter comida e água, a superlotação leva à rápida propagação de doenças, com as autoridades de saúde relatando a disseminação de um surto de hepatite A, enfermidade que se espalha pelo contato próximo.

O médico John Kahler, da organização MedGlobal, administrava uma clínica em Rafah antes de deixar o território na semana passada. Ele contou ao Guardian ter testemunhado multitudes de até 700 pessoas pedindo ajuda do lado de fora de onde trabalhava. Também estimou que só conseguia tratar cerca de 140 crianças diariamente — uma pequena fração das que necessitam. (Com New York Times e AFP)